

# As expressões de localização, origem e destino de um percurso: possíveis implicações na descrição de duas línguas indígenas brasileiras e uma língua africana do grupo banto

(The expressions of localization, source and goal of a motion: possible consequences for describing two Brazilian indigenous languages and an African Bantu language)

Paulo Jeferson Pilar Araújo<sup>1</sup>, Ivan Rocha<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

pjpilar@usp.br, rocha.i@usp.br

**Abstract:** Some hypothesis, in terms of cognitive and functional explanations, are formulated to understand the possible spatial expressions in question based on a typology of how the languages of the world encode the meaning of location, origin and goal of a motion. Some possible consequences for describing the spatial semantics of languages are searched as well.

**Keywords:** Spatial Semantics; Localization; Source Of Motion; Goal of Motion; Language Description.

**Resumo:** Partindo da tipologia de como as línguas do mundo codificam os sentidos de localização, origem e destino de um percurso, formulam-se algumas hipóteses explicativas, em termos cognitivo-funcionais, para a possibilidade de expressões espaciais em questão. Buscam-se, também, as possíveis implicações na descrição da semântica do espaço de línguas.

**Palavras-chave:** Semântica do Espaço; Localização; Origem de Percurso; Destino de Percurso; Descrição de Línguas.

## Apresentação<sup>1</sup>

Este artigo mostra duas grandes preocupações, uma teórica e outra descritivista. A primeira tem a ver com a formulação de hipóteses sobre as estratégias de expressões espaciais nas línguas, ou seja, a forma como elas codificam os sentidos de localização, origem e destino de um percurso, na terminologia de Creissels (2006), os sentidos essivo, alativo e ablativo, tendo como preocupação uma abordagem cognitivo-funcional da linguagem. A preocupação descritivista considera as possíveis implicações de uma tipologia de semântica do espaço na produção de descrições de línguas tipologicamente diferentes, buscando verificar se os padrões de codificação do espaço propostos por Creissels (2006, p. 19) aplicam-se sem grandes problemas a determinadas línguas.

Para este trabalho, fizemos uso principalmente de dados do karitiana,<sup>2</sup> língua pertencente à família Arikém, tronco Tupi, do wayoró,<sup>3</sup> língua da família Tupari, tronco Tupi, e do lembaama,<sup>4</sup> língua africana da família nigero-congolesa, do grupo Banto, B62), além de

<sup>1</sup> Agradecemos o apoio institucional da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão-FAPEMA e ao CNPq, as contribuições e discussões sobre os dados linguísticos das línguas wayoró e lembama por parte de Antonia Fernanda Nogueira e Bruno Okoudowa, como também pelas sugestões e comentários da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarida Petter.

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre a língua, conferir as teses de Storto (1999) e Everett (2006).

<sup>3</sup> Para maiores informações, conferir o trabalho de Nogueira (2010).

<sup>4</sup> Para maiores informações, conferir os trabalhos de Okoudowa (2005; 2010).

algumas considerações sobre o português brasileiro, em contraste com o português europeu.

Trabalhos como este, que levam em conta tópicos de semântica do espaço em línguas pouco descritas, podem contribuir sobremaneira para a elaboração de gramáticas do espaço, principalmente quando se considera a diversidade na conceitualização do espaço nas línguas do mundo.<sup>5</sup>

### **Codificando as distinções de locativo, origem e destino de um percurso**

Creissels (2006) propõe uma tipologia na qual são relacionadas as formas como as línguas do mundo fazem uso de adposições e afixos de caso para a distinção entre as construções de locativo, origem e destino de um percurso, nos termos do autor, os sentidos de essivo, alativo e ablativo. O autor apresenta as seguintes estratégias possíveis de serem empregadas pelas línguas para codificar tais distinções:

Padrão 1 – os três sentidos – essivo, ablativo e alativo – aparecem sem ambiguidade na escolha que as línguas fazem no uso de adposições e afixos de caso;

Padrão 2a-c – o uso de adposições e afixos de caso expressam sem ambiguidade um desses sentidos e os outros dois convergem, nos seguintes casos: (a) ablativo vs. essivo-alativo, (b) alativo vs. essivo-ablativo, (c) essivo vs. alativo-ablativo;

Padrão 3 – o uso de adposições e afixos de caso não é sensível à distinção entre os três sentidos.

Para o caso das línguas indo-europeias, das cinco estratégias possíveis, são utilizadas principalmente duas: o Padrão 1 e 2(a), enquanto em boa parte das línguas africanas, principalmente da família nigero-congolesa, o padrão 3 é mais comum. Creissels (2006, p. 22) chama a atenção para a quase que total inexistência de línguas que apresentam o Padrão 2(b), e afirma não ter ciência de nenhuma língua que empregue o Padrão 2(c). No total, de cinco possibilidades, apenas três são empregadas.

Para uma melhor visualização, abaixo vão alguns exemplos adaptados de Creissels, (2006, p. 20) de duas línguas indo-europeias que seguem os Padrões 1 e 2(a), respectivamente:

Espanhol (Padrão 1):

- (01) a. Los niños estan **en** la playa  
DEF.M.PL Menino estar.3pl **ess** def.f.s. praia  
'os meninos estão na praia'
- b. Voy **a** la playa  
IR.1S.SG. **ala** Art praia  
'vou para praia'

<sup>5</sup> A exemplo da importância de estudos como este, conferir o trabalho de Levinson e Wilkins (2006). Para um exemplo de gramática do espaço para uma língua indígena brasileira, conferir Meira (2006) sobre a língua tiryó. Para uma outra língua não indo-europeia, conferir Cablitz (2006), sobre a língua marquesan.

- c. Vengo **de** la playa  
 VIR.S.SG. **abl** Art. Praia  
 ‘venho da praia’

Catalão (Padrão 2(a)):

- (02) a. Els hem trobat a la botiga  
 3pl. Aux.1pl. encontrar **ess** Art. mercearia  
 ‘nós encontramos eles na mercearia’
- b. Els hem enviat a la botiga  
 3pl. Aux. Enviar **ess/ala** Art. mercearia  
 ‘nós enviamos eles para a mercearia’
- c. Vénem de la botiga.  
 VIR.3pl **abl** Art. mercearia  
 ‘eles veem da mercearia’

Para demonstrar algumas das dificuldades possíveis de se encontrar na determinação de que padrão uma determinada língua deve seguir, vejamos como exemplo o caso do português brasileiro, na próxima seção.

### Considerações sobre o português brasileiro

Levando em conta a proposta tipológica de Creissels (2006), é possível perceber que o português brasileiro deveria ser considerado como de Padrão 1, a exemplo do português europeu, no entanto é possível identificar que o português do Brasil está cada vez mais empregando o Padrão 2(a), havendo a possibilidade de construções como no exemplo (03)b, abaixo:

- (03) a. Estou **na** praia.  
 b. Vou **para/na** praia  
 c. Venho **da** praia,

em que as preposições que codificam o sentido de alativo e essivo, *para* e *em*, são empregadas num mesmo contexto, isso em decorrência, provavelmente, de processos de variação e mudança (MOLLICA, 1986; VALLO, 2003; RIBEIRO, 2000). Para Araújo (2008), no entanto, que fez uso de teorias da Linguística Cognitiva para explicar tais construções, a possibilidade do uso de preposições com sentido de essivo para contextos de alativo, em português brasileiro, tem motivações cognitivo-funcionais. Segundo o autor, há cada vez mais contextos em que a preposição *em* é utilizada em contextos esperados para *para*.

A questão que se coloca é: mesmo que o uso da preposição *em*, que codifica o sentido de essivo, ainda não seja generalizado nos contextos de alativo, no português brasileiro, já que a preposição *para* continua em uso, como classificar o português do Brasil? Seria de Padrão 1 ou Padrão 2(a)? Como segundo questionamento, que processos cognitivos estariam em jogo para que uma língua, que a princípio distingue os três sentidos, possa convergir dois sentidos espaciais, como os de essivo e alativo?

Desse questionamento, passamos para a próxima seção.

## **Problemática e considerações teórico-metodológicas**

Diante do caso do português brasileiro, em relação ao português europeu, inquestionavelmente de Padrão 1, levantamos a seguinte questão: até que ponto a tipologia proposta por Creissels (2006) se mostra suficiente? Para isso, tentamos empregar a tipologia em questão para duas línguas indígenas brasileiras e uma língua africana do grupo banto. Fomos motivados também a fazer uma tentativa de formular hipóteses explicativas para a possibilidade de convergência dos sentidos essivo, alativo ou abaltivo nas línguas, fenômeno que não foi objeto de preocupação inicial para Creissels.

Para tanto, fizemos a elicitación de dados do karitiana, wayoró e lembaama, indagando se para cada língua a forma como são expressos o locativo, a origem e o destino de um percurso, se enquadraria bem à tipologia de Creissels. O questionário seguiu uma fórmula básica, apresentada abaixo:

*Para o sentido de localização:*

- (a) X (verbo estativo) ESS (locativo);  
Fulano (estar) EM (casa/rio/praias)

*Para a origem de um percurso:*

- (b) X (verbo de movimento) ABL (locativo de origem);  
Fulano (vir) DE (casa/rio/praias)

*E para o destino de um percurso:*

- (c) X (verbo de movimento) ALA (locativo de destino).  
Fulano (ir) PARA (casa/rio/praias)

E, por fim, a descrição da mudança de um locativo de origem para um locativo de destino:

- (d) X (verbo de movimento) ABL (locativo de origem) (verbo de movimento) ALA (locativo de destino).  
Fulano (vir) DE (casa/rio/praias) (ir) PARA (casa/rio/praias).

Vejamos os exemplos para cada língua em estudo e as possíveis implicações, na seção seguinte.

## **As expressões de localização, origem e destino de um percurso**

### **Em karitiana**

A língua karitiana parece utilizar predominantemente o padrão 2(a), na classificação proposta por Creissels (2006, p. 19), conforme demonstram os dados apresentados nos exemplos a seguir. Nesses exemplos, a posposição “pirip” codifica o sentido de ablativo, enquanto que a posposição “pip”, os sentidos de essivo e alativo.

- (4) a. se-**pip** naka-aj taso  
 rio-**ess** decl-ESTAR-nfut homem  
 ‘o homem está no rio’
- b. taso na-aka-t i-tat se-**pip**  
 homem 3-decl-cop-nfut NMZ-IR rio-**ess/ala**  
 ‘o homem foi ao/para o rio’
- c. taso na-aka-t i-yry-t se-**pirip**  
 homem. 3-decl-cop NMZ-VIR-conc.cop rio-**abl**  
 ‘o homem veio do rio’
- d. ø-pyry-tat<y>-n avião São Paulo **piirip** Porto Velho **pip**  
 3-assert-ir-nfut avião São Paulo **abl** Porto Velho **ess/ala**  
 ‘o avião saiu de São Paulo para Porto Velho’

### Em wayoró<sup>6</sup>

Em wayoró, o padrão parece ser o Padrão 1, sendo que, para a expressão de origem de um percurso, exemplo (5)c, a posposição utilizada é diferente da posposição utilizada em (5)d e (5)e, quando a descrição é de mudança de um locativo de origem para um locativo de destino, respectivamente as posposições “**piri**”, “**eri**” ou “**mõ**”.

- (5) a. mbogop nda:p nõ **mõ**  
 Criança aldeia outro **ess**  
 ‘A criança está na aldeia do outro’
- b. mbogop igi **piõ** terap  
 criança rio **ala** ir-v.t-p  
 ‘o menino foi para o rio’
- c. ndeat te-ŋg<sup>w</sup>ep-k<sup>w</sup>-a-t igi **piri**  
 3p 3-sair-verblzr-v.t-pass rio **abl**  
 ‘os homens saíram do rio’
- d. nda:p nõ **eri** igi **piõ** ndʒ-or-a-p  
 aldeia outro **abl** rio **ala** 3-ir-v.t-p  
 ‘eles foram da aldeia para o rio’
- e. avião Porto Velho **eri** São Paulo **mõ** ter-a-p  
 Avião Porto Velho **abl** São Paulo **ess/ala** ir-v.t-p  
 ‘o avião saiu de Porto Velho para São Paulo’

### Em lembaama<sup>7</sup>

Pelos exemplos do lembaama, concluímos que, como boa parte das línguas do grupo banto, o lembaama segue o Padrão 3, conforme tipologia de Creissels (2006). Entretanto, chama a atenção o fato de o lembaama fazer uso de uma partícula de locativo quando

<sup>6</sup> Agradecemos a Antonia Fernanda Nogueira pelos dados e glosas da língua wayoró.

<sup>7</sup> Agradecemos a Bruno Okoudowa pelos dados e glosas da língua lembaama, sua língua materna.

o locativo tem a configuração [+ fechada] e a configuração é de um contêiner, além da existência de uma partícula com sentido de ablativo, em (6)h, a preposição **ó**, a descrição é de mudança de um locativo de origem para um locativo de destino, fato não previsto na tipologia de Creissels.

- (6) a<sup>8</sup>. okáás'ólí' ntj 'ókerí'  
o-káásí                      ó-l-í'                      **ntjá** ó-kerí'  
1<sup>9</sup>-mulher                      IS1<sup>10</sup>-estar-VF<sup>11</sup>                      **ess** 1-rio  
'a mulher está no rio'
- b. okáás'ólí mpɔu  
o-káásí                      ó-l-í                      Ø-mpɔu  
1-mulher                      IS1-estar-VF                      7-aldeia  
'a mulher está na aldeia'
- c. okáás'ómídze ntj 'ókerí'  
o-káásí                      ó-mí-dz-ε                      **ntjá**                      ó-kerí'  
1-mulher                      IS1-P1<sup>12</sup>-ir-VF                      **ess**                      1-rio  
'a mulher acabou de ir para o rio'
- d. Okáás'ómídze mpɔu  
o-káásí                      ó-mí-dz-ε                      Ø-mpɔu  
1-mulher                      IS1-P1-ir-VF                      7-aldeia  
'a mulher acabou de ir para a aldeia'
- e. okáás'ómíwá ntj 'ókerí'  
o-káásí                      ó-mí-w-á                      **ntjá**                      ó-kerí'  
1-mulher                      IS1-P1-vir-VF                      **ess**                      1-rio  
'a mulher acabou de vir do rio'
- f. okáás'ómíwá mpɔu  
o-káásí                      ó-mí-w-á                      Ø-mpɔu  
1-mulher                      IS1-P1-vir-VF                      7-aldeia  
'a mulher acabou de vir da aldeia'
- g. levjǒ lemítʃéɣé São Paulo lemídze Porto Velho  
Le-vjǒ                      Le-mí-tʃéɣ-é                      São Paulo                      Le-mí-dz-é                      Porto Velho  
9-avião                      IS9-P1-deixar-VF                      São Paulo                      IS9-P1-ir-VF                      Porto Velho  
Tradução: 'O avião acabou de deixar São Paulo. Ele acabou de ir para Porto Velho'  
Sentido: 'o avião saiu de São Paulo para Porto Velho'

<sup>8</sup> Na transcrição dos exemplos, só anotamos o tom alto. A língua lembaama tem dois tons (alto [''] e baixo['']). Na primeira linha, temos o exemplo tal como deve ser falado. Na segunda, temos a segmentação do mesmo em lexemas e/ou morfemas. Na terceira, temos a análise e a tradução de cada lexema e/ou morfema. Na quarta, temos a tradução do sentido do exemplo.

<sup>9</sup> Classe nominal número 1 (cf. OKOUDOWA, 2005)

<sup>10</sup> Índice do sujeito da classe nominal 1. Ele retoma/marca o sujeito na concordância com o verbo. (cf. OKOUDOWA, 2005 e 2010)

<sup>11</sup> Vogal final. Ela marca o infinitivo ou o aspecto do verbo. Aqui ela indica que o infinitivo em –a (cf. OKOUDOWA, 2010)

<sup>12</sup> Passado recente (acabou de + infinitivo) (cf. OKOUDOWA, 2010).

- h. báán' ámitfúúr' ó ndzé bó ámidze ntf 'ókeri  
 bá-áná á-mí-tfúúr-á ó Ø-ndzé bó á-mí-dz-e ntfá ó-kerí  
 2-crianças IS2-P1-sair- VF abl 7-casa 3p<sup>13</sup> IS3p-P1-ir-VF ess 1-rio  
 Tradução: 'As crianças acabaram de sair da casa. Elas acabaram de ir para o rio'  
 Sentido: 'as crianças saíram da casa para o rio'

### Generalizações: ampliando a proposta de Creissels (2006)

Partindo das análises preliminares sobre a semântica do espaço em karitiana, wayoró, lembaama e português brasileiro, buscamos possíveis explicações, em termos cognitivos, para a configuração de um padrão ou outro em determinada língua. Fato interessante foi notar que as três línguas selecionadas por nós para aplicação da tipologia de Creissels (2006) apresentam justamente os três padrões mais recorrentes nas línguas do mundo, o Padrões 1, Padrão 2(a) e Padrão 3, sendo que, para a língua lembaama, o Padrão 3 já era esperado. Mesmo que nosso interesse inicial tenha sido o de verificar se a tipologia de Creissels seria satisfatória para a descrição das expressões de localização, origem e destino de um percurso, em três línguas diferentes, nos chamou a atenção as especificidades encontradas em duas dessas três línguas em análise.

Para o wayoró, há uma distinção bem mais detalhada na codificação do sentido de ablativo. Há uma posposição quando a expressão é apenas referente à origem de um percurso, “**piri**”, e outra para quando há mudança de trajetória, de um locativo de origem para um locativo de destino, “**eri**”, sendo que para a mesma configuração espacial é possível o uso da posposição de essivo, “**mō**”, para o sentido de alativo (Cf. exemplos 5(a) e 5(e)). Em lembaama também, para as construções de mudança de trajetória de um locativo de origem para o de destino, houve o uso de preposições distintas para os sentidos de ablativo e alativo, “**ó**” e “**ntfá**”, respectivamente (Cf. exemplos (6)), o que, segundo a tipologia de Creissels, não seria esperado.

Das três línguas, apenas o karitiana parece seguir sem maiores problemas o Padrão 2(a). Dentre alguns dos motivos para essas particularidades, aventamos as seguintes possibilidades: (i) a tipologia apresentada por Creissels (2006) é bastante genérica, sem se ocupar das particularidades de conceitualização do espaço específica para cada língua do mundo; (ii) as estratégias de conceitualização do espaço das línguas são diversas, não se restringindo apenas a uma única estratégia. Se considerarmos uma rápida analogia com outras tipologias, como a tipologia das expressões de posse predicativa (STASSEN, 2009), um padrão em certa língua seria apenas o mais preferido, não impedindo que outro padrão surja ou seja utilizado de forma secundária.

Nesse caso, poderíamos pensar nos Padrões da tipologia de Creissels não como padrões discretos ou excludentes, mas como um *continuum*. Em outras palavras, um padrão seria preferido, mas ensinaria a possibilidade de expressão de um outro mais próximo, por motivações cognitivo-funcionais. Para sintetizar, ampliaríamos a proposta de Creissels com as seguintes hipóteses, a serem testadas com dados de outras línguas:

- Hipótese Primeira: línguas que apresentam o Padrão 1 podem também apresentar ou se aproximar do Padrão 2(a).

<sup>13</sup> Terceira pessoa do plural (ele(a)s).

- Hipótese Segunda: línguas que apresentam o Padrão 3 podem apresentar ou se aproximar do Padrão 1.
- Hipótese Terceira: os Padrões 2(b) e 2(c) apresentam restrições semânticas decorrentes da estrutura conceitual humana, entretanto, processos de gramaticalização podem fazer emergir construções similares a esses dois Padrões.<sup>14</sup>

Tais hipóteses são formuladas levando-se em conta processos cognitivo-funcionais como a gramaticalização e restrições conceituais da semântica do espaço que teriam algum papel na formatação tipológica das línguas. Tais processos serão mais detalhados na próxima seção. Devemos enfatizar que as três hipóteses acima são para testes já que não nos foi possível comprovar com um estudo mais abrangente em línguas do mundo, tipologicamente diferentes.

Como hipóteses de trabalho, encarar os padrões de codificação das expressões de localização, origem e destino de um percurso como um *continuum* deixaria mais claro o porquê de uma língua como o português brasileiro ser considerada como de Padrão 1, mas apresentar ou se aproximar de construções de Padrão 2(a), segundo a Hipótese Primeira; ou de uma língua como o lembaama, de Padrão 3, em alguns contextos apresentar ou se aproximar das línguas de Padrão 1, de acordo com nossa Hipótese Segunda, na qual, línguas que não apresentam nenhuma distinção para os sentidos de essivo, alativo e ablativo, com o tempo podem gramaticalizar partículas que promovam a distinção dos três sentidos espaciais mencionados.

Não queremos, porém, deixar a ideia de que essas hipóteses seriam caminhos rígidos a serem seguidos por cada língua, de que uma língua de Padrão 1 necessariamente passaria para Padrão 2(a), etc., apenas queremos enfatizar que línguas que apresentam certo padrão tenderiam a apresentar, mesmo que de forma secundária, outro padrão, e essa aproximação entre os padrões espaciais não se daria de forma aleatória, mas segundo motivações cognitivo-funcionais. É o que tentaremos sugerir na próxima seção.

### **Codificando os sentidos de essivo, alativo e ablativo: implicações cognitivas**

Creissels (2006), em sua tipologia, busca fazer algumas generalizações quanto à codificação dos sentidos essivo, alativo e ablativo nas línguas do mundo, porém não mostra preocupações quanto às motivações funcionais ou estruturais para as cinco possibilidades de expressão de localização, origem e destino de um percurso, nem pelo motivo da inexistência de línguas que sigam o Padrão 2(b) ou Padrão 2(c). E isso porque o autor parece estar mais preocupado em enfatizar a particularidade das línguas sub-saarianas, que, na sua maioria, não são sensíveis às distinções entre os sentidos de essivo, alativo e ablativo.

Frente à análise empreendida até aqui, conviria, ainda ampliando a proposta de Creissels, buscarmos explicar quais fatores semântico-cognitivos estariam em jogo para a possibilidade de as línguas do mundo convergirem, na utilização de adposições e afixos

<sup>14</sup> Creissels (2006, p. 22) dá como exemplo de uma língua que usa o Padrão 2(b) a língua dinka. Para o Padrão 2(c), Creissels lembra construções do italiano e francês como os que seguem, respectivamente: “Vado da mio zio”; “Je vais chez mon oncle”, com tradução de “Estou indo para a casa do meu tio”, ou seja, uma proposição de sentido ablativo para o sentido alativo.

de caso, as distinções espaciais como a de localização e destino de um percurso, ou na terminologia de Creissels, os sentidos de essivo e alativo, única convergência atestada na maioria das línguas analisadas por Creissels, a do Padrão 2(a).

Para dar conta de nossas hipóteses aventadas na seção anterior, recorreremos a teorias da Linguística Cognitiva e da gramaticalização, já que essas abordagens cognitivo-funcionais da linguagem lidam constantemente com as questões de semântica do espaço. Buscaremos demonstrar nesta seção, mesmo sem apresentar todos os detalhes do arcabouço teórico a ser utilizado, que a classificação tipológica proposta por Creissels tem grandes implicações teóricas, implícitas ou não, por se ocupar de um fenômeno tão recorrente da estrutura conceitual humana. Ao mesmo tempo, sugerimos que os padrões de codificação dos sentidos de essivo, alativo e ablativo devem ser encarados muito mais como um *continuum* ou padrão de preferência, e que a preferência por um ou outro padrão tem uma base conceitual passível de explicação em termos cognitivos.

A Semântica Cognitiva, conforme proposta por Lakoff (1987), Johnson (1987), entre outros, apresenta a formulação de um construto que poderia explicar a convergência dos sentidos essivo e alativo; tal teoria é a dos esquemas imagéticos (CLAUSNER; CROFT, 1999; HAMPE, 2005). Os esquemas imagéticos seriam estruturas pré-linguísticas decorrentes de nossa experiência no mundo, portanto tem uma base corporificada. Por nos movermos sempre em alguma direção, emergiria o esquema imagético de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO. Por estarmos sempre cercados em algum ambiente, nossa estrutura conceitual produziria o esquema CONTÊINER, dentre diversos outros.<sup>15</sup>

Seguindo proposta de Araújo (2008), que buscou explicar o uso de preposição “em” com verbos de movimento no português brasileiro, acreditamos que, conforme proposta do autor, a possibilidade de transformação entre esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987), notadamente os de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO e CONTÊINER, explicaria, em termos cognitivos, a razão de determinada língua chegar ao ponto de convergir os sentidos de essivo e alativo no uso de adposições e afixos de caso, como acontece com o português do Brasil e o karitiana. Nesse caso, a operação cognitiva que se desenrola é a seguinte: o foco de atenção do falante conceitualizador sobre o destino de um percurso permite que o fim de um percurso seja conceitualizado como um contêiner, produzindo assim a possibilidade de o fim de um percurso ser configurado como um locativo, em outras palavras, as línguas que fazem a distinção entre os sentidos essivo, alativo e ablativo poderiam, sem grandes restrições conceituais, convergir os sentidos essivo e alativo. Isso porque é bastante plausível que, ao conceitualizarmos um percurso e focarmos a atenção sobre o ponto final, aquele ponto final acaba sendo configurado como uma região que irá “conter” o objeto em movimento. Em outras palavras, o ponto final do esquema imagético de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO seria transformado em um esquema imagético de CONTÊINER, por meio dos processos de transformação de esquemas imagéticos, descrito por Lakoff (1987). Dessa forma, sugerimos uma explicação para a Hipótese Primeira, de como as línguas do mundo podem convergir os sentidos de essivo e alativo, como acontece com o português do Brasil.

Para o caso dos dois outros padrões, Padrão 2(b) e Padrão 2(c), a teoria dos esquemas imagéticos também oferece uma explicação de base conceitual. Se observarmos bem,

---

<sup>15</sup> Seguindo a tradição em linguística cognitiva, os esquemas imagéticos são escritos em caixa alta. Para uma lista dos esquemas imagéticos mais citados na literatura cognitivista, ver Clausner e Croft (1999). Para sugestão de tradução para o português, ver Araújo (2008). Os dois esquemas imagéticos citados neste trabalho são citados inicialmente em Johnson (1987).

para esses dois padrões o sentido de ablativo é que deveria convergir com os outros dois, no entanto testes psicológicos têm demonstrado que o foco de atenção de um falante conceitualizador é muito mais provável recair sobre o destino de um percurso do que sobre a origem de um percurso (PAPAFRAGOU, 2010), a chamada assimetria entre a origem e o destino de um movimento (*source-goal asymmetries*). Em outras palavras, mesmo sendo possível convergir os sentidos de ablativo com essivo e alativo, há restrições conceituais. A origem de um destino não é comumente objeto do foco de atenção em uma cena espacial em que há mudança de movimento. Por essa razão, é mais comum as línguas do mundo não convergirem as expressões de ablativo com os de essivo e alativo, o que, no entanto, não é impossível de acontecer por outros processos cognitivo-funcionais, como os processos de gramaticalização (ver nota de rodapé 14). Essa seria a explicação que reforça nossa Hipótese Terceira.

Os processos de gramaticalização contribuem para embasar nossa Hipótese Segunda. Línguas que não são sensíveis à distinção entre os sentidos de essivo, alativo e ablativo podem gramaticalizar partículas para enfatizar certas configurações espaciais, a exemplo do lembaama, que, para a configuração de espaços [+fechados], utiliza a preposição ‘ntjá’, com o sentido de “dentro”.

### **Considerações finais**

Buscamos neste trabalho fazer dois movimentos: (i) da teoria para a prática: verificar se as generalizações tipológicas de Creissels (2006) se aplicariam para a descrição de duas línguas indígenas brasileiras, karitiana e wayoró, e uma língua africana do grupo banto, lembaama; (ii) da prática para a teoria: a partir de dados das línguas em estudo, tentar apresentar explicações cognitivo-funcionais para a configuração de um ou outro padrão na expressão da localização, origem e destino de um percurso em cada língua.

Diante das hipóteses apresentadas e da proposta de ampliação da tipologia de Creissels, buscamos demonstrar a necessidade de que seja dada uma maior atenção às especificidades de conceitualização do espaço, como também dos processos cognitivo-funcionais e de gramaticalização em trabalhos descritivos sobre a semântica do espaço em línguas tipologicamente diferentes. Levando em consideração as observações apontadas neste trabalho, acreditamos que uma tipologia de semântica do espaço poderá auxiliar na identificação de adposições e afixos de caso em jogo na codificação dos sentidos básicos de localização, origem e destino de um percurso, para uma determinada língua.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. *Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições para e em na fala de comunidades quilombolas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de São Paulo, São Paulo.

CLAUSNER, Thimoty C.; CROFT, William. Domains and image schemas. *Cognitive Linguistics Journal*, [s.l.], 1999.

CREISSELS, Dennis. Encoding the distinction between location, source and destination. In: HICKMANN, Maya; ROBERT, Stéphane. (Orgs.) *Space in languages: linguistics systems and cognitive categories*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006.

- CABLITZ, Gabriele H. *Marquesan: a grammar of space*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- EVERETT, Caleb. *Gestural, perceptual and conceptual patterns in Karitiana*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) - Rice University, Houston, Texas.
- HAMPE, Beate (Ed.). *From perception to meaning*. Image schema in Cognitive Linguistics. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2005.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LEVINSON, Stephen; WILKINS, David P. *Grammars of Space: explorations in cognitive diversity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- MEIRA, Sergio. Approaching space in Tiriyo Grammar. In: LEVINSON, Stephen; WILKINS, David P. (Orgs) *Grammars of Space: explorations in cognitive diversity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. A regência variável do verbo IR de movimento. Cap.6. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Martte Pereira (Orgs.). *Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1986.
- NOGUEIRA, Antonia Fernanda de Souza. *Wajoró: fonologia segmental e supra-segmental*. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OKOUDOWA, Bruno. *Morfologia verbal do lembaama*. 2010. 170f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Descrição preliminar de aspectos da fonologia e da morfologia do lembaama*. 2005. 102f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PAPAFRAGOU, Anna. Source-Goal Asymmetries in Motion Representation: Implications for Language Production and Comprehension. *Cognitive Science*, [s.l.], n. 34, 2010.
- RIBEIRO, Antonio João Carvalho. Variação funcional na regência do verbo *ir*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christiane; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). *Estudos de Sociolinguística brasileira e portuguesa*. Frankfurt am Maim: TFM, 2000.
- STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- STORTO, Luciana R. *Aspects of a Karitiana Grammar*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística). Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts.
- VALLO, Mário Anastácio Galdino do. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense*. 2003. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

## ANEXO

### Lista de abreviaturas

<v>.	vogal epentética (também: <y> ,<a>, <e>, <o>)
<vt>	vogal temática (verbalizador)
1.	marca de concordância de 1 <sup>a</sup> . Pessoa
1s.	pronome livre de 1 <sup>a</sup> pessoa singular
2.	marca de concordância de 2 <sup>a</sup> . Pessoa
2s.	pronome livre de 2 <sup>a</sup> . pessoa singular
3.	marca de concordância de 3 <sup>a</sup> . pessoa
3s.	pronome livre de 3 <sup>a</sup> . pessoa singular
assert.	assertivo (modo)
caus.	Causativizador
cop.	Cópula (partícula auxiliar)
conc.abs.cop.	concordância absolutiva de cópula
coref.	partícula co-referencial
decl.	declarativo (modo)
foc.	marca de foco
nfut.	Não-futuro (tempo)
nmz.	nominalizador
pasv.	marca de passiva
Ess	Essivo
Ala	Alativo
Abl	Ablativo